mocidade
portuguesa
feminina

foto: ZTOLDOS

Sumário

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, T. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

N.º 74

BOLETIM MENSAL
Preço ao ano 12$00
Preço avulso 1$00

JUNHO

Diante da Senhora D. Amélia de Orleans e Bragança

A MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA — gente nova já nascida depois da hora que levou para o exílio a Rainha Senhora D. Amélia, mas que com as suas Dirigentes respeita e ama a excelsa Senhora que em Portugal deixou saüdades e que a Portugal em romagem de saüdade voltou, — não quere que a Sua Majestade, a quem têem sido prestadas tantas e tão enternecidas provas de veneração e afecto, falte a homenagem carinhosa das raparigas portuguesas, que respeitosamente a saüdam!

DIANTE da majestosa figura da Rainha Senhora D. Amélia de Bragança, hoje como sempre emudece-se de enlêvo e admiração, dispensam-se notas biográficas, e abençoa-se a claridade irradiante da sua alma de eleição. Tão raro conjunto de merecimentos e virtudes está patente na sua linda e dôce expressão, por isso a simpatia, a ternura respeitosa, a mais elevada estima quando aplicadas à soberana Senhora, nos parecem palavras sem significado. Venerá-la é ainda insuficiente para o que lhe ficou devendo o povo português. Desvelada protectora dos pobres e dos enfermos, não fundou apenas a *Assistência Nacional aos tuberculosos* e o *Instituto Bacteriológico Câmara Pestana*. A sua caridade espiritual só pode ser avaliada com justiça por aquêles que dela beneficiaram.

As suas boas obras são incontáveis e no entanto mais difícil nos pareceria explicar a superior simplicidade com que as faz, se o bem que tem realizado nos não tivesse ficado magistralmente descrito na mais bela página de *Eça de Queiroz* publicada no livro «Notas Contemporâneas».

«O encanto especial da esmola da Rainha está no silêncio abafado com que a espalha. E não pelo receio de que a sua esmola pareça aos que a testemunham, o preço tortuoso da sua popularidade — mas pelo desejo que a esmola chegue àquêles que a recebem como o escondido quinhão da sua fraternidade.

E o outro encanto ainda reside nesse complemento da caridade que os Santos Padres tanto exaltam, a avareza para comnosco bem apertada, acompanhando a liberalidade para os outros, bem sôlta! A Rainha moça, bela mas não rica, poupa no seu luxo para esbanjar na sua beneficência; e a sua simplicidade é maior que uma escolha do gôsto, é uma imposição do Dever.

Conta uma lenda antiga que, no Céu ao lado do Senhor, num escabêlo de ouro, um anjo anota, num fólio, felizmente imenso, as esmolas que se espalham na Terra. Êste pobre anjo, por vezes suspende a diamantina pena, e hesita e suspira, ao inscrever certas liberalidades que avançam faustosamente pela rua, entre prègões e tambores atroantes.

Mas a coluna da Rainha deve andar tôda esparrinhada de coruscante crista pelo alvorôço ditoso com que o anjo decerto marca esmolas dadas com tam gentil piedade e discreta emoção».

A linda Rainha só não conseguiu nunca, é bem verdade, ser mais formosa que boa.

Profunda e requintadamente artista soube amar Deus acima de tudo e colocar na beleza moral as culminâncias das suas aspirações.

Se existe o aperfeiçoamento humano, atingiu-o a Senhora D. Amélia de Orléans e Bragança no mais alto grau.

Outros escritores e poetas se ocuparam repetidas vezes de lhe descrever as virtudes e de lhe cantar a formosura e magnanimidade, e não só enquanto viveu em Portugal: João de Deus, Carlos Malheiros Dias, Branca de Gonta Colaço, Padre Moreira das Neves, António Corrêa de Oliveira e tantos outros.

Mas não há prosa nem rima que valham as lágrimas e sorrisos com que a Rainha Senhora D. Amélia tem sido acolhida em Portugal.

[signature]

VICE-REI DE DEUS

Já alguém chamou assim ao homem — a quem vulgarmente se costuma dar o nome de «*rei da criação*».

Ambos os títulos lhe quadram bem. Ambos são bem verdadeiros e bem justos.

Assim o homem se habituasse a saber-se:

rei da criação, e
vice-rei de Deus.

Disse: **habituar-se**...

Tomar o hábito de se portar sempre e por tôda a parte como **rei** entre as demais creaturas, tôdas sujeitas ao seu mando e direcção espirituais, êle, creatura inteligente e livre, responsável e consciente, o único criado à imagem e semelhança do Senhor Deus.

Como rei — e como **vice-rei,** vice-rei de Deus, representando-O no mundo, dando d'Êle testemunho na dignidade da vida e costumes, na consciência viva e vivida da sua filiação divina.

Assim o homem, todos nós, nos habituássemos...

* * *

A história conta de um imperador de Roma que tinha um veado e que lhe mandou dependurar do pescoço uma placa de oiro com esta inscrição: *Cesaris sum:* pertenço ao Imperador — o Imperador é meu senhor.

À conta dêste título permitia-se o veado fazer o que muito bem lhe apetecia, e os romanos da cidade consentiam-lhe todos os desmandos de animal mal acostumado.

Veio isto aqui para se concluir que o homem, o cristão, mesmo sem cartaz ou placa a gritar a sua dignidade, deve viver na inteligência e hábito da vida divina que lhe anda na alma desde o dia do seu baptismo: *Dei sum:* sou pertença de Deus — o Senhor Deus é o meu Senhor.

Dei sum...

Filho de Deus, herdeiro legítimo à riqueza da casa do Pai que está nos Céus, assim é que o homem devia querer portar-se na vida.

Portador de Deus...

Vice-Rei de Deus... como que a substituí-lO entre os homens, mas em verdade, em verdade.

* * *

Também tu, filiada da Mocidade, és baptizada.

Baptizada, logo, filha de Deus por motivo daquela graça de adopção em que Êle nos tomou e nos destinguiu.

Filha de Deus, trazendo na tua alma a Sua mesma vida: és divina — e a tua vida divinizada deve ser.

Vice-Rei de Deus: deves mostrar que O conheces, e O amas e O serves, e, acima de tudo, que as tuas obras nascidas **dentro** de ti, da tua alma divinizada, sejam bem a vida de quem se sabe constituída em tal honra e dignidade e responsabilidade. Já alguma vez tinhas pensado nesta verdade?

G. A.

D. Isabel Bandeira de Melo

Condessa de Rilvas

FALECEU esta ilustre Senhora, Presidente da Direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional.

A notícia chegou dolorosa e impressionante, transmitida pelo telefone, ao entardecer do passado dia 23 de Maio. Vitimara-a uma síncope cardíaca, após três dias de doença que não inspirava receios de maior, tanto nos habituáramos a vê-la sair vitoriosa nas lutas em que o seu espírito varonil se debatia com as suas já minguadas fôrças físicas, gastas durante cêrca de 50 anos num trabalho insano, desenvolvido em acções de benemerência e obras de verdadeiro sentido social.

A Senhora Condessa de Rilvas ainda na véspera da sua morte se levantou e pelo telefone resolveu assuntos em curso na Obra das Mães pela Educação Nacional; depois, e já do seu leito de morte, deu despacho à Obra das Mães e ao Instituto de Serviço Social; fê-lo às 17 horas do dia 23 e às 18,30 a sua alma desprendia-se da terra para se acolher no seio de Deus!

Era assim o espírito forte desta ilustre Senhora! Que exemplo se colhe duma vida tão completa, tão cheia de abnegação, tão esquecida de si!

A Senhora Condessa de Rilvas foi, principalmente, uma grande, uma excepcional educadora.

Interessou-a de começo a sorte das raparigas da rua, e, pouco depois, a das débeis mentais.

No seu coração encontraram eco as dôres e os sofrimentos de umas e outras, e logo a razão, servindo o sentimento, planeou, arquitectou sonhos e quimeras em que estes casos pudessem resolver-se. Depois, a sua vontade forte, removendo todos os obstáculos, deu realidade e vida ao sonho que o coração acalentara e a inteligência equacionara.

E assim nasceram as Florinhas da Rua e o Instituto Médico Pedagógico Condessa de Rilvas, institutos de recuperação para a vida familiar e para a vida social de tantas raparigas, umas, as Florinhas da Rua, a quem o meio pervertera ou ameaçava perverter, e as outras incapacitadas para a vida por deficiências mentais e tornadas depois em elementos úteis à sociedade.

Mais tarde, com uma perfeita intuïção das questões sociais e profundo conhecimento dos seus problemas, a Senhora Condessa de Rilvas estendeu o seu sonho às classes populares, onde o sentido da vida de família, com as suas virtudes quási se corrompera ou perdera. Compreendeu que era necessário descer até estas camadas levando-lhes a par de ensinamentos seguros o verdadeiro sentido da caridade cristã que os esclarecesse, os acalentasse e os amparasse. E foi ainda o mesmo querer enérgico e varonil que deu vida ao Instituto de Serviço Social, onde se formariam as futuras assistentes sociais e educadoras familiares a quem essa missão devia ser confiada.

Em 1937 o Govêrno, reconhecendo os méritos invulgares desta Senhora, confiou-lhe a Direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional, obra de sentido meramente educativo alargada a tôdas as camadas sociais. A semana da Mãe, o dia da Mãe e a instituïção de prémios pecuniários a famílias numerosas são outras tantas iniciativas que o seu coração inspirou e a que a sua vontade deu corpo e realização efectiva.

A Mocidade Portuguesa Feminina ouviu, por vezes, da Senhora Condessa de Rilvas palavras de enternecido carinho que muito nos sensibilizaram.

E são essas palavras, a que o exemplo nobre duma Vida grande dava autoridade e cunho especiais, que hoje ressoam aos nossos ouvidos e nos obrigam à homenagem que por êste meio prestamos à veneranda memória da Senhora Condessa de Rilvas.

MARIA GUARDIOLA
Comissária Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina

E interessante observar como é por vezes estranha a forma como são festejados alguns santos.

Entre êles, escolheremos para observação os três santos mais populares do nosso país: S. António, S. João e S. Pedro. Todos os anos, nas proximidades da sua festa, pelo país fora se preparam bailaricos; em Lisboa os mercados engalanam com papéis de côres e bandeirinhas, aparecem vasos de manjerico com cravos de papel e versos de amor, que fazem a felicidade das raparigas a quem os namorados os oferecem. As raparigas fazem-lhes promessas para casarem, e se êles não correspondem ao seu desejo, aí vão atirados pela escada abaixo ou metidos no poço pendurados por um cordel. Sonham as môças casadoiras com a protecção dos santos e aproveitam as suas festas para folgar, rir e arranjar namoricos.

Vejamos agora quem foram no Mundo êsses Santos que despertam na mocidade tais desejos de divertimentos e são padroeiros de folguêdos e casamentos.

Foram na vida folgazões e expansivos, amigos de divertimentos? Nada disso. Alegres eram — porque possuiam a graça santificante, que dá às almas essa alegria interna, que se expande em bem fazer, serena, tranqüila e doce — mas a sua vida não foi de bailes e folguêdos.

Santo António, o que primeiro se festeja, foi um austero e místico franciscano, penitente e amante da pobreza, que viveu praticando a caridade na sua mais perfeita expressão, empregando o dom maravilhoso que Deus lhe concedera de fazer milagres em acudir às desgraças do próximo, em trazer para Deus almas, que transviadas andavam; as suas maiores horas de prazer foram aquelas em que a sua alma se elevava ao céu no convívio dôce de Jesus, que Menino lhe vinha pousar nos livros em que estudava e adquiria ciência, que aliada aos seus dotes naturais, fez do humilde franciscano, que deixara a sua situação brilhante na sociedade pelo pobre e áspero burel, o mais eloqüente e o mais ouvido dos oradores da sua época. E é êste Santo, tão sábio e austero, que tem por todo o Mundo espalhado o seu culto, que a tradição popular portuguesa faz padroeiro de bailaricos, de namoros e de casamentos!...

Os seus compatriotas, principalmente os nascidos e criados nesta Lisboa onde Êle viu a luz do dia, não conhecem os seus sermões, modêlos de oratória, mas julgam-no capaz de deslindar os mais complicados casos de amor. E na noite que precede o dia em que se celebra a sua santidade, usam das maiores liberdades, que certamente ofenderão a sua austeridade de frade menor.

S. João Baptista, que se lhe segue no calendário, é igualmente festejado com bailes e descantes nas cidades e nas aldeias.

São célebres as festas de S. João em Braga. As moçoilas dos arredores envergam os seus melhores trajos, cobrem de ouro o peito e em descantes e danças palmilham quilómetros de estrada e caminhos para virem à cidade venerar o Santo e descobrir conversado, se já o não trazem da sua aldeia, de chapéu à banda, raminho de manjerico atrás da orelha, requebrando-se nas sapateadas da chula e do vira.

Farnels fartos, melancias e vinho verde a jôrro, festejam Aquele que coberto de peles viveu no deserto, alimentando-se de gafanhotos para enganar a fome, e que fez da sua vida contínua penitência, incitando o mundo a que o seguisse e anatemizando aqueles que viviam no gôzo e no luxo, perdendo as suas almas no desprêzo da Lei de Deus. O Santo que dá a vida para não pactuar com o pecado, que amaldiçôa Herodes porque se não converte, e que do fundo do poço que era a sua masmorra faz ouvir a sua voz como censura amarga que chicoteava os banquetes de Herodes e as danças lascivas de Salomé, a nossa tradição popular festeja-o, a êle que odiava bailados e dêles foi vítima, dançando, amando e comendo nos dias em que o festeja!... Não é uma homenagem, é quási um sarcasmo, mas feito com tanta simplicidade e ternura, com tão grande desejo de o glorificar, que o eremita do deserto acaba por sorrir e perdoar.

S. Pedro, o último dos três santos que Junho ardente festeja em descantes e bailados, em amores e contendas, não foi neste mundo um romeiro de alegrias. Como pescador foi dura a sua vida de árduo trabalho; pobre a sua casa, e mesmo pobre êle a deixou para seguir o Mestre na incerteza da vida material, mas com a certeza da vida espiritual que lhe propunha Jesus e que Ele aceitou por intenção Divina.

Vida de prègação com o Mestre; vida de Apostolado depois da Sua paixão e da sua Ascenção ao Céu; vida de perigos constantes, de viagens tormentosas, levando atrás de si ondas de povo, com a sua palavra que o Espírito Santo iluminara. Viagem até Roma onde fundaria a Igreja que Jesus lhe entregara e de que êle seria a primeira pedra. Viagens onde os homens o esperavam com a prisão e as feras o queriam para pasto. Vida dura de asceta, vida iluminada pelo amor e pela fé.

E na Roma pagã em que ardia o desejo do gôzo, a sua voz elevou-se para condenar todos os excessos, para proíbir em nome de Jesus todo o fôgo que arrastava para o lôdo a humanidade.

E depois duma vida de peregrinações de catacumba em catacumba, êle acaba na Cruz como o Divino Mestre, mas de cabeça para baixo, porque lhe não permitiu a humildade que tivesse a cabeça erguida, num suplício que o igualava ao Senhor.

E com o seu sangue, êle cimentou a pedra em que se erguia a Santa Igreja, na Roma capital do paganismo, que se tornaria na Cidade Eterna, dos adeptos de Cristo.

E é êste Santo, que entre descantes e música, manjericos e cravos, namoricos e loucuras, o nosso povo festeja nas tradicionais romarias, que agitam em noitadas cidades e aldeias!... E a sua voz que troou contra os desmandos dos grandes, e poderosos da terra, que no seu tempo faziam do mundo um culto ao prazer, emudece perante a homenagem dum povo, que Cristão sincero há séculos, escolhe para o festejar manifestações pagãs, a êle o maior inimigo do paganismo!...

E assim a tradição popular portuguesa, ingénua e inocente, festeja pagàmente a três Santos que execraram o paganismo.

Incoerência das homenagens populares, mas os três santos perdoam porque lhe reconhecem a intenção...

MARIA D'EÇA

«Benny» solteira

«Benny» com os primeiros 5 filhos

Numa viagem ao Cairo

RAPARIGAS DE ONTEM MULHERES DE SEMPRE

«BENNY», A SONHADORA

No reinado da rainha Victória, viviam numa aldeiazinha de Surrey, três irmãs, azougadas como todas as raparigas da sua idade. Chamavam-se elas: Annie, a mais velha, Maud, a mais nova; e a mãe gostava de tratar a do meio por «Benny» porque antes de ela nascer desejara muitíssimo que fôsse um rapazinho. Talvez por isso «Benny» saíra tão «agarotada», sempre pronta para a brincadeira.

As três irmãs viviam a vida tranqüila daqueles tempos, rodeadas dos cuidados e carinhos que os pais lhes dispensavam.

«Benny», porém, sonhava.

Sim, de dia era uma criança igual às outras; talvez mais inteligente, mais viva (todos notavam o brilho dos seus olhos castanhos); mais compassiva, certamente (com que abnegação ajudava a mãe nas suas visitas aos pobres!); mais artista, não havia dúvida (aos quatro anos já possuía uma linda voz de contralto); mas em suma: era teimosa e brincalhona como todas as outras crianças. Certa tarde pregou um grande susto à criada. Quando esta conversava com uma colega, Benny montou no seu «poney» e largou a correr à desfilada, num golope doido, pondo em risco a própria vida.

Mas, então, quando é que «Benny» sonhava?

A' noite, no seu quarto. Sonhava?!

Ela supunha-se acordada. Mal se deitava, abria os olhos e fixava determinado ângulo do quarto. Na escuridão, desenrolava-se a mais fantástica das cavalgadas. Um verdadeiro cortejo de figurinhas de palmo e meio, exibindo trajos berrantes, surgia, dançando as mais alegres e variadas danças.

Todas as noites, a vinham visitar e eram sempre os mesmos personagens.

Apesar de serem muitos, «Benny» conhecia-os um por um.

Certo dia, contou a estranha aventura às irmãs.

A pequena Maud, estava boquiaberta, sempre admirara muito a irmã, sempre se prestara complacente às suas brincadeiras; e agora sentia-se maravilhada, ante aquele prodígio. «Benny» visitada, todas as noites, pontualmente, por um cortejo de figurinhas, de fadas, de gnomos, tal como nos livros de contos! que assombro!

Annie, porém, franzia o sobrolho. Era mais velha e sempre se mostrara céptica diante dos entusiasmos de «Benny». Não se conteve, e interrompendo-a exclamou:

— Olha, «Benny», não posso acreditar em semelhantes coisas.

Que tamanho têm êsses homenzinhos de que nos falas?

«Benny dava todos os esclarecimentos e pormenores exigidos.

— Se assim é, volveu a inflexível Annie, aqui tens esta latinha. Esta noite, quando êles chegarem, mete um aqui dentro, e mostra-mo àmanhã. Então acreditarei!

«Benny», nem pestanejou, tão convencida estava do seu triunfo! aceitou o desafio e nessa noite meteu a latinha debaixo da almofada, deitou-se e esperou.

Com a mesma pontualidade de sempre, o cortejo surgiu.

«Benny» contou um a um os personagens. Ninguém faltara, todos sorriam, aproximando-se da cama. Ia cumprir a promessa feita à irmã.

Estendeu a mão e agarrou um dos «homenzinhos» de fato multicolor, que se deixou apanhar com a maior docilidade.

Metê-lo na caixa, foi também fácil; e com a calma sorridente dos que estão certos do seu triunfo, «Benny» colocou novamente a latinha debaixo da almofada e adormeceu.

Na manhã seguinte, mal acordou, lembrou-se da preciosidade que guardara tôda a noite consigo. Resou a correr, vestiu-se num pulo e levando bem agarrada ao peito a lata «maravilhosa» foi procurar as irmãs.

— Então? preguntou maliciosa a descrente Annie.

— Está aqui! afirmou Benny, com os olhos a saltar de contentamento!

— Sempre esperei isso!

Confessou a confiada Maud.

— Vamos para o jardim, opiniou «Benny».

E quando as três se instalaram comodamente à sombra de uma árvore, «Benny» com a calma dos que estão «senhores da partida» estendeu a lata à irmã.

— Toma e vê!

Annie pegou-lhe, e abriu-a cautelosamente.

Estava vazia!!!

«Benny» ficou desapontada e não mais falou dos seus «sonhos» às irmãs.

* * *

Os anos passaram, as três irmãs cresceram e deixaram a sua aldeiazinha de Surry.

«Benny» passou a ser «Miss Florie» e seus sonhos eram já bem diferentes.

Aos dezanove anos, encontrou o companheiro da sua vida e casou.

Depois de uma lua de mel, verdadeiramente de sonho, o jóvem par visitou quinze países, entre êles a Palestina e o próximo Oriente. «Mrs. Florie», entregou-se de alma e coração à sua nova existência.

E findaram os sonhos, pensarão muitos que me lêm.

Não! Começaram nessa altura os mais belos sonhos de «Benny».

Foram nascendo os filhos — já eram oito — e o seu coração de mulher e de mãe só sonhava com a felicidade.

A «felicidade» que destribuía pelo marido, pelos filhos e por todos que a rodeiavam.

Mais tarde, uma das filhas, ao traçar-lhe a biografia, evocava-a nestes termos: «A sua personalidade era como o Sol. O Sol que ela amava tanto, porque ela pareceu sempre dar luz e calor onde quer que estivesse, tornando tudo e todos à sua volta mais vivos, mais contentes por viver».

Mãe exemplar, sem deminuir a sua autoridade, brincava com os filhos (nadadora exímia batia-os nas corridas, habituando-os assim ao esfôrço); esposa dedicada, auxiliava o marido na sua ardúa tarefa. Amiga de todos, tinha especial prazer em se dedicar pelo próximo.

Sinceramente religiosa, sonhara desde criança fazer da sua vida um «serviço de Deus».

«Ad Majorem Dei Glória», era a divisa desta mulher, que nasceu e viveu, infelizmente, dentro da religião protestante.

Tanto trabalho e dedicação não podiam deixar de abalar-lhe a saúde.

Surge a primeira crise de coração.

Os médicos prescrevem algum tempo de descanço.

Estendida na cadeira de convalescente, a «Benny» doutrora volta a ter tempo para sonhar como dantes.

Novo desfile de figuras. Já não são fadas, nem gnomos, mas homens e mulheres de carne e osso, com alma, com personalidade. Agitam-se. Vivem um drama.

Depressa, é preciso agarrá-los, não se escapem, como os da sua infância.

«Benny» sonha e escreve, escreve muitas páginas.

Quando acorda do seu sonho, tem um livro composto.

Como outrora, em Surrey, vai comunicá-lo aos seus.

(Continua na pág. 13)

A MANIFESTAÇÃO DA GRATIDÃO NACIONAL A

Carmona e Salazar

NÃO nos foi possível dar notícia no último número do nosso Boletim, por êste já se encontrar composto, da homenagem de gratidão prestada pelo país a Suas Ex.as o Senhor Presidente da República e Senhor Presidente do Conselho, pelo bem da paz, que depois de Deus e da Nossa Padroeira, a êles ficamos devendo.

Mas nunca é demasiado tarde para testemunharmos os nossos sentimentos de gratidão, e a M. P. F. que se associou à homenagem ao senhor general Carmona, representada pela Ex.ª Comissária Nacional, e à manifestação do Terreiro do Paço representada por Dirigentes e filiadas de todo o país e em grande número de Lisboa, quer afirmar mais uma vez — e agora numa voz que se distinga entre a multidão — o seu profundo respeito e entusiástico apreço pelos dois grandes Chefes que estiveram à frente da Nação em horas históricas, que poderiam ter sido trágicas, e foram, afinel, graças a êles, graves mas tranqüilas, difíceis mas dignas e prestigiosas para Portugal.

E porque na gente nova o coração vibra e se dá sempre, ao respeito, à admiração e à gratidão de todos, a *Mocidade* junta o seu carinho, como lá, na apoteose do Terreiro do Paço, às palavras de agradecimento se juntaram flôres.

Não vamos aqui descrever o que foi a tarde daquele sabado...

Não há ninguém no país que o não saiba: ou porque assistiu à manifestação ou porque a rádio e os jornais lhes levaram o eco do que em Lisboa se passou.

Bandeiras, vivas, aclamações. Salazar! Salazar! Salazar! Portugal Portugal! Portugal!

E as bôcas dizem *obrigado!* E as lágrimas, silenciosamente, dizem *obrigado!*

Milhares e milhares de pessoas, num só coração e numa só alma, em mil gestos de uma só oblação, levantaram para o alto o coração da Pátria, erguendo-nos a todos e erguendo Portugal na magnífica solidariedade daquela hora de aplausos e de promessas...

Porque nós, ao ouvirmos Salazar, respondemos-lhe, embora êle nos não ouvisse!

Dissemos-lhe: Sim, foi *carinhosa, sincera, desinteressada* a nossa manifestação — e foi justa!

Se a mocidade portuguesa não conheceu a dor da orfandade e no seu lar não faltou pão e lume, e se ela própria não desapareceu na voragem da guerra, a vós o devemos!

Sim, *foi bem que vivessemos juntos aqueles momentos de satisfação patriotica, depois dos perigos a que todos estivemos sujeitos.*

Foi bem, para nossa alegria; e *foi bem*, assim o esperamos, para vossa consolação!

Foi bem para que o nosso *obrigada* vos diga que em «obrigação» vos ficamos para sempre.

«Obrigadas» por dedicação e reconhecimento a seguir-vos, servindo a Pátria com fidelidade e engrandecendo a honra nacional com a nossa própria vida honrosa.

Trabalho, ordem, disciplina, sacrifício — tudo vos prometemos!

Aos punhados da terra portuguesa que vos foram oferecidos, nós queremos juntar o próprio sol de Portugal: que somos nós, a Mocidade!

Sim, seremos fortes porque convosco aprendemos a viver.

A Pátria precisa de nós, é verdade, porque somos seus filhos! Mas a Pátria precisa mais ainda de vós: que nos guiais!

Acompanhamo-vos no vosso viva a Portugal!

E êste viva tem, para nós, o simbolismo de uma aclamação sagrada que vos envolve na mesma benção!

Viva Portugal!

Assim falaram os nossos corações naquela tarde do Terreiro do Paço..

NOTICIAS DA M. P. F.

NOMEAÇÕES DE DIRIGENTES

1.º — Foi nomeada Sub-Delegada Regional Adjunta em Póvoa de Varzim, a Senhora D. Apolinea Branca da Cruz;

2.º — foi fundado um centro da Mocidade Portuguesa Feminina na Escola Feminina do Jardim, em Matozinhos, e nomeada Directora dêste Centro que terá o n.º 2, a Senhora D. Felicia Berta Mendes Rêgo;

3.º — foi nomeada Sub-Delegada Regional em Sintra, a Senhora D. Marcolina Lopes;

4.º — em substituição da Senhora D. Marcolina Lopes, foi nomeada Directora do Centro n.º 8 em Sintra, a Senhora D. Felisbela Gomes Soeiro Rovisco de Andrade;

5.º — em virtude de se ter ausentado das Caldas da Rainha, está afastada das suas funções — Directora do Centro n.º 1, nas Caldas — a Senhora D. Maria Beatriz Durão Ceboleiro;

6.º — foi nomeada Sub-Delegada Regional Adjunta em Vila Real, a Senhora D. Maria da Luz Saraiva; em substituição da Senhora D. Maria Luisa Gaspar;

7.º — foi nomeada Sub-Delegada Regional Adjunta em Vila Real a Senhora D. Fernanda David Costa;

8.º — foi nomeada Sub-Delegada Regional Adjunta em Vila Real a Senhora D. Cacilda Monteiro;

9.º — foram nomeadas Directoras Adjuntas do Centro n.º 2 em Vila Real as Senhoras D. Carmo Barreira, D. Gentil Pinto Conto e D. Maria do Céu Araujo Pereira;

10.º — em substituição da Senhora D. Maria de Lourdes Gonçalves, que acaba de ser transferida para o Minho, foi nomeada Directora do Centro n.º 4, em Vila Real, a Senhora D. Carolina Santos;

11.º — por ter sido transferida para outra localidade, deixou de prestar serviço como Directora do Centro n.º 1 em Monchique, a Senhora D. Maria Avelar Nobre;

12.º — por motivo de fôrça maior pediu a demissão de Directora do Centro n.º 1 em Lagos, a Senhora D. Lucinda Animo dos Santos. Provisòriamente será substituida pela Adjunta do mesmo Centro;

13.º — por se ter ausentado de Silves, pediu a sua demissão de Sub-Delegada Adjunta dessa cidade, a Senhora D. Mafalda Ribeiro da Silva;

14.º — Foi nomeada Directora Adjunta do Centro n.º 24, em Lisboa, a Senhora D. Sofia Adelaide Pimentel Moutinho.

15.º — por conveniência de serviço foi encerrado o Centro n.º 76 da Mocidade Portuguesa Feminina, em Lisboa;

16.º — a secção B do Centro n.º 44, em Lisboa, passou a funcionar independentemente, tendo-lhe sido atribuído o n.º 76, na mesma Região;

17.º — foi nomeada Directora do Centro n.º 76, em Lisboa, Irmã Maria Ester Fernandez de Landa.

18.º — em substituição do Rev.mo Senhor Cónego Dr. Francisco Maria da Silva, que pediu a sua exeneração, foi nomeado Professor de Formação Moral e Religiosa do Curso de Dirigentes para os Centros Primários, organizado na Escola do Magistério Primário de E'vora, o Rev.mo Senhor P. João António Nabais.

19.º — Em substituição da Senhora D. Maria da Conceição Miranda Figueiredo, que deixou o seu cargo por se ter ausentado, de Braga foi nomeada Directora do Centro 10, nessa cidade, a Senhora D. Maria da Fé Alves da Costa;

20.º — Em substituição da Senhora D. Umbelina Alice Ferreira, que deixou o seu cargo por falta de saúde, foi nomeada Directora do Centro 67 no Pôrto, a Senhora D. Maria Cândida Bregas Carrapatoso;

21.º — Foram nomeadas Delegadas Adjuntas no Douro Litoral, as Senhoras D. Maria Amália Costa Lima e D. Maria Teresa Vasconcelos Pôrto;

22.º — Em virtude de ter sido transferida para o Liceu da Póvoa de Varzim, deixou o cargo de Directora Adjunta do Centro 1 no Pôrto, a Senhora D. Maria Margarida Soares;

23.º — Em virtude de ter sido nomeada Sub-Delegada Regional da Mocidade Portuguesa Feminina, no Pôrto, pediu demissão do cargo de Directora Adjunta do Centro 2, nessa cidade, a Senhora D. Maria Romeira de Sá Ferreira;

Lamego

Só na segunda-feira de Páscoa — 2 de Abril passado — foi possível um Castelo desta Ala organizar a primeira «Embaixada da Bondade e da Alegria» com uma pequenina récita no Asilo de Mandicidade desta Cidade, a qual constou de vários números de dança e canto, poesias, monologos, dialogos, uma comédia e um quadro final: «Mocidade».

Entre as Lusitas escolhi as de maior geito para cada uma tomar a responsabilidade dos ensaios e vestuários do seu Grupo, o que as entusiasmou e fez trabalhar, mostrando bem às mais velhas a sua capacidade.

Lisboa

No dia 26 de Maio, na igreja de Santos-O-Velho, o Centro 72 da M.P.F. realizou um baptismo e a Comunhão colectiva das alunas da Escola Industrial de Fonseca Benevides.

Embora não fôsse elevado o número das comungantes, havia nestas a alegria de cumprir o dever Pascal.

O Reverendo Paroco fez uma sentida alocução, agradecendo êste expontâneo acto de fé e exortando os dirigentes e as filiadas presentes a transmitirem o ardor e a fé dos seus fervorosos corações a todos aqueles que desconhecem a doçura de tão solene acto.

A cerimónia do baptismo foi cheia de ternura pelo carinho e interêsse que todas as alunas demonstraram à colega que tão feliz entrava na graça de Deus.

Antes de iniciar o pequeno almôço às comungantes, a Esposa do digníssimo Director da Escola procedeu à distribuição de registos e medalhas comemorativos de tão solene dia.

Na quinta-feira seguinte, dia de Corpo de Deus, foi mandada rezar uma missa por alma de todas as alunas e alunos, especialmente os que faleceram durante o ano lectivo.

Assistiram ao solene acto o Ex.mo Director da Escola, alguns professores e elevado número de alunos e alunas.

Escola Industrial Francisco Benevides. A Esposa do Ex.mo Director distribuindo lembranças

Escola Industrial Francisco Benevides. Filiadas que comungaram

Vila Real — Um aspecto da mesa pre

Vila Real

Actividades em que tomou parte a Mocidade Portuguesa Feminina durante a visita a esta cidade dos Ex.mos Senhores: Ministro do Interior, Comandante Geral da Legião e Comissário Nacional da M. P.

* *

As filiadas dos Centros do Liceu, Escola Industrial, Colégio de S. José e Centros Primários, muitas delas fardadas e com as suas bandeiras e guiões, foram junto do Govêrno Civil onde S.as Ex.as receberam cumprimentos de boas vindas.

A Mocidade Portuguesa Feminina tomou parte também na Parada e Missa Campal, onde ocupou lugar de honra.

A's 17 e 30 horas, na Casa da Mocidade, foi oferecido um primoroso chá a S.as Ex.as,

24.º — Foi fundada a Sub-Delegacia de Pombal — Ala 7 na Beira Litoral — e nomeada Sub-Delegada Regional da Senhora D. Josefa Violante Soares da Rocha;

25.º — Em substituição da Senhora D. Eva Violeta de Oliveira Domingues, foi nomeada Directora do Centro 1 da Ala de Tavira, a Senhora D. Marcelina Bernardo.

Foram nomeadas Instructoras para o Curso de Dirigentes dos Centros Primários, de Evora, as seguintes senhoras:

D. Guilhermina Rosa Ramalho

D. Joana Avelino Gomes

D. Isabel Maria da Silva Vieira

D. Silvéria da Conceição Gaspar

D. Maria Cristina Duarte Canhão

Todas elas Instructoras de Moral, Canto Coral e Lavores.

Todas colaboraram admiràvelmente, distinguindo-se no «Cumprimento» do início a Chefe de Castelo Laura Aires pela maneira como se dirigiu aos pobres vèlhinhos.

No fim, visitaram os tolhidinhos que não puderam descer ao salão, deixando-lhes um pouco da sua Mocidade no ambiente e algumas camélias sôbre o leito.

Foi uma tarde de contentamento para novos e velhos que deixou agradáveis recordações.

A Sub-Delegada Regional Maria Josefina Moreira Nunes.

dencial do chá oferecido pela M. P. F.

servido pelas filiadas, que à chegada ofereceram lindos ramos de flôres à Esposa de S. Ex.ª o Senhor Ministro do Interior.

A Dig.ma Sub-Delegada Regional com a sua requintada gentileza orientou todos os trabalhos, fazendo as honras da casa e dirigiu aos Ilustres visitantes palavras de saùdação aplaudidas pela numerosa e selecta assistência formada por entidades eclesiásticas, entre as quais se salientava S.ª Ex.ª Reverendíssima, militares e civis e muitas senhoras da nossa melhor sociedade, com as Directoras de todos os Centros da cidade e Dirigentes.

Esta festa decorreu com o maior brilhantismo e deixou em tôda a assistência as melhores impressões, enaltecendo os trabalhos da Mocidade Feminina que vê actualmente a sua Organização num andamento progressivo pela valiosa e valiosíssima orientação da nossa distinta Sub-Delegada, que não se poupa a sacrifícios e a trabalhos exaustivos para que em todos os Centros se cumpra integralmente o Programa traçado pelo C. N.

No dia imediato foram 205 crianças

Vila Real — Algumas das ilustres senhoras que assistiram à festa

Vila Real — Distribuição de brinquedos a 205 crianças pobres

Vila Real — Aspecto da missa campal

das escolas primárias do Asilo de Infância Desvalida, Donas de Casa e Centro Social Maternal Infantil à Casa da Mocidade onde lhes foi oferecido um lanche que, servido pelas filiadas, decorreu na maior animação. Foram tiradas fotografias e distribuidos brinquedos.

A Sub-Delegada Regional Adjunta Maria da Luz Saraiva.

Évora

As filiadas do Centro 6, Escola Industrial e Comercial de Gabriel Pereira, da Sub-Delegacia Regional de E'vora, realizaram em Abril uma «Embaixada da Alegria e da Bondade» na Creche e Lactário desta cidade, distribuindo bonecas de trapos por elas confeccionadas, bolos, rebuçados e uma pequena quantia de dinheiro amealhada à custa das suas próprias economias.

• • •

Também o Centro N.º 1 da Sub-Delegacia Regional de Evora, realizou uma «Embaixada da Bondade e da Alegria» na Creche e Lactário

Evora — Na festa realizada na creche

Evora — Filiadas que tomaram parte na festa da creche e alguns dos protegidos

Evora — Confeccionando bonecas de trapos

Evora — Embaixada da Bondade e Alegria

desta cidade, no dia 20 de Março p. p..

A festa constou de números de dança, canto e recitações por filiadas do referido Centro N.º 1, que, a seguir, distribuiram bolos e brinquedos pelas crianças da mesma Creche.

A NOÇÃO DO DEVER

COMO todos sabem a rainha Victória foi o maior "Rei" de Inglaterra depois da Raínha Elisabeth (que teve a sorte de derrotar a célebre Invencível Armada espanhola).

No seu longo reinado de mais de sessenta anos, o seu país viu-se prosperar e crescer até ao ponto de ficar um grande Império.

Os Ministros que escolheu para o governarem foram sempre, no fim de um certo tempo de conviverem com Ela, amigos dedicados e fiéis subditos. Diziam que olhava pelo Império Britânico com o mesmo carinho e severidade de princípios com que uma boa Mãe vela pela sua família.

Apesar de ter tido guerras nas Colónias durante a sua vida (o que lhe dava enorme desgôsto!) conseguiu evitar um conflito com os Estados Unidos da América que estava eminente.

— Em todas as medidas acertadas que tomou, e que fizeram a prosperidade da Nação, foi seu guia e conselheiro o marido, o encantador príncipe Alberto de Saxe-Cobourg, que com a sua bondade, inteligência e conhecimento do mundo, podia contra balançar, durante os primeiros anos do seu casamento, a juventude e inexperiência da Raínha.

No entanto nunca foi preciso incutir-lhe a noção do Dever. Tinha desde pequena êsse sentimento tão fundo no seu coração, que até em certas ocasiões fazia calar a voz do Amor. E êsse amor era enorme!

Ao perder o companheiro da Sua vida o Seu desgôsto e desânimo foram tais que só se poderão comparar aos das tragédias da antiga Grécia. "Tudo morre com êle", repetia. Fechou-se no seu quarto em Osborne e passava os dias a contemplar o retrato do príncipe Alberto.

Só saíu da sua reclusão quando o Presidente do Conselho, então o célebre Disraëli, lhe lembrou respeitosamente que o seu dever era continuar a ser Raínha. Não podia, como as outras mulheres, entregar-se à saúdade. Voltou a Londres e embora o seu coração estivesse despedaçado, recomeçou a despachar os Negócios do Estado.

Raínha Victória

Transcrevo-lhes aqui uma carta, escrita dez dias antes do seu casamento ao Noivo.

Ficou conhecida entre as cartas célebres inglêsas, como modêlo de dignidade, ternura e noção do Dever.

"Buckingham Palace
31 de Janeiro 1840

Tens-me falado nas tuas cartas da próxima estada em Windsor. Mas, meu querido Alberto, não compreendeste bem a questão. Esqueceste meu querido amor,

Príncipe Alberto

de que eu sou a Soberana, e que os negócios do Estado não esperam, nem podem parar. O Parlamento continua aberto e está sempre a acontecer qualquer coisa em que eu posso ser precisa, e, por isso, é impossível estar longe de Londres. Dois ou três dias de ausência, já é muito. Nunca estou sossegada um momento, senão oiço e vejo o que está a acontecer. — Todos, incluindo as minhas Tias (que sabem muito a respeito destas coisas) dizem que tenho que voltar no fim de dois ou três dias, porque tenho que estar rodeada da minha côrte. Não posso estar só. Êste é também o meu desejo.

Agora falemos das Armas: Como príncipe inglês não tens direito, e o tio Leopoldo também não tinha direito a esquartejar as armas de Inglaterra, mas o Soberano pode permiti-lo por "Comando Real." Isto foi feito para o tio Leopoldo pelo Príncipe Regente, e eu farei o mesmo porti. Vou, portanto, sem demora, mandar gravar um sêlo para ti. Com certeza que vais gostar imenso da notícia, como eu também gostei do próximo casamento da minha muito querida Vecto com Nemours. Dá-me infinito prazer, porque assim poderei vê-la mais vezes.

Li nos jornais que tu, querido Alberto, tens recebido muitas condecorações, e que a Raínha de Espanha te vai mandar a "Tosão de Oiro"...

Adeus, queridíssimo Amor, pensa sempre na tua fiel

Victória R."

Ficou portanto a lua de mel régia reduzida a três dias! E no entanto, quero insistir, a Raínha adorava o noivo.

Elevou-lhe depois da sua morte vários monumentos.

No de Balmoral fez gravar os seguintes dizeres:

Este monumento foi mandado erigir
A' Memória Bem-Amada de Alberto,
O Grande e Bom Principe Consorte,
Pela sua viúva, com o coração a sangrar
em 21 de Agôsto de 1862.

FRANCISCA DE ASSIS

TRABALHOS de Mãos

Vestidos publicados

a pedido das filiadas

1-2-3 — Para Isabel — 17 anos. Vestidos em chadresinho castanho e branco. Blusa branca. Colete e carapuço castanho. Blusa azul.

•

4-5—Para Joana, 16 anos. Vestido de saia e casaco cinzento com camisola amarela e blusa branca.

•

6-7-8- — Para Lucinda, 15 anos. Vestido de saia e casaco de um azul acinzentado não muito claro. Fitas de tafetá chadrez à base de encarnado. Camisola vermelha com gola branca.

Raparigas de ontem mulheres de sempre

(Continuação da página 7)

Agora são os filhos e o marido que a escutam e aplaudem.

Quando fica só pensa:

— Foi um sonho engraçado! e vai para lançar às chamas do fogão tôda aquela papelada.

Recorda-se, então, da cena do jardim da casa paterna; de Maud, a irmã querida, gue tanto apreciara sempre o relato das aventuras da infância.

Maud está agora tão longe, na América; casada já.

Chama-se Mrs. Ballington Booth, mas todos a conhecem pela «Mãezinha dos prêsos» tanto se dedica pelos infelizes das prisões.

— É preciso que Maud saiba de mais êste sonho!

Desiste de queimar aquelas páginas e manda-lhe o manuscrito da obra. Maud, volta a pasmar como outrora. Que maravilha! Do cortejo de personagens sairá um romance cheio de vida e de interesse. E' preciso publicá-lo, não se perca, como o personagem encerrado na latinha de fôlha.

Apresenta a obra a um grande editor de New-York que imediatamente a manda imprimir.

Assim apareceu um dos mais conhecidos romances dos últimos trinta anos — «o Rosário» — que o Mundo inteiro leu, traduziu e ainda hoje recorda e relê com prazer.

Estava realizado o mais belo sonho de «Benny», de Mrs. Florence Barclay!

A «glória literária», pensarão muitos; a fortuna, suporão outros?!

Nada disso! O seu sonho era diferente; fama, fortuna, tudo pôs ao serviço dos outros. O seu ideal resumia-o ela própria nestas palavras: «Sempre desejei ser a amiga de tôda a gente».

«Que eu nunca fique indiferente ao passar por qualquer pessoa, mas lhe possa ser útil».

Conseguiu-o. Não há ninguém, que ao ler qualquer das suas obras, se não sinta tomado de simpatia pela autora e lhe não deva o favor de lhe ter feito passar horas agradáveis.

Numa época de egoismo, Florence Barclay pôs o seu talento, a sua vida, ao serviço da simpatia que todas as criaturas lhe inspiravam.

«São uma ponte para Deus», costumava dizer.

Que belo sonho vivido, que grande lição deixada.

Adriana Rodrigues

PARA LER AO SERÃO

GENTE NOVA

À minha prima Berta Folque Pessolo

NAS lindas salas do Grémio Alentejano realizava-se naquela tarde de Maio, uma animada festa de caridade. O Jazz-band não parava de tocar nos seus tons estridentes: para delícia da gente nova... e indignação de muitos dos mais velhos, valha a verdade! Como pode, porventura, chamar-se música, essa palavra sacrosanta, à mistura de discordâncias ruidosas que ferem, quási fisicamente, os tímpanos civilizados?! Um velho general, que ali acompanhara a neta, dizia, no vão duma das largas janelas, a um amigo, advogado muito conhecido, de espírito moderno:

— Não, meu amigo, isto excede a minha compreensão, creia! Quem dá a estes ruídos o nome de música, que nome dará então às obras de Beethoven?...

— É que os seus ouvidos, general, não foram habituados às dissonâncias do Jazz; mas olhe que mesmo nelas existe uma harmonia especial, estranha, sim, mas...

— Não me diga que pode haver harmonia naquêle batuque vergonhoso que só parece de pretos! — exclamou o general, indignado.

A conversa ter-se-ia prolongado, e talvez que a velha discussão sôbre o exótico jazz se tivesse tornado interessante, se não fôsse interrompida pela paragem súbita da música e pela chegada dum par encantador junto aos dois homens. A excitação do general desapareceu como por encanto; e o advogado, sorridente, acolheu com evidente simpatia o jóvem par.

— Ai, avô, que bela tarde esta! — exclamou Francisca Teresa, cújos risonhos vinte anos gosavam com entusiasmo.

— E a sua neta dança duma maneira formidável! — disse José Paulo, o simpático filho do advogado.

O general apalpou a testa de Francisca Teresa.

— Estás a transpirar, Tété; agora descança.

— O avô é a minha ama sêca — comentou a rapariga a rir, voltando-se para José Paulo.

Uma salva de palmas rompeu sùbitamente e o jazz recomeçou a sua animada cacofonia.

— Vamos, Tété? — preguntou José Paulo, tocando no ombro de Francisca Teresa.

— Agora descansas, ouviste? Não danças mais.

Dócil, Francisca Teresa sentou-se ao pé do general; e José Paulo afastou-se com o pai, depois de amáveis cumprimentos.

— O avô podia bem ter-me deixado dançar mais um fox... — suspirou Francisca Teresa.

— Custa-te assim tanto ficar uns minutos ao pé da tua «ama sêca»? — retorquiu o general, rindo.

— É que o José Paulo é um dançarino estupendo!

— Essas palavras que vocês usam são ridículas! Formidável, estupendo, ora vejam se veem a propósito êsses exageros de linguagem.

— Tété! — gritou uma rapariga morena, vestida de encarnado, passando a dançar — não te esqueças da tarde de amanhã, ouviste? Tens de estar pronta às duas e meia.

O par seguiu e o general preguntou:

— Onde é êsse passeio? Quem vai contigo, Tété?

— Vai ser ótimo, avô, e estou a antegosar a tarde. Vamos no carro até Belas, sabe? Visitar uma Creche que lá há e que ninguém viu ainda.

— Vamos, dizes tu; mas quem vai? — tornou o general.

— Comigo vai a mana; e levamos a pequena comnosco. Como o carro é grande vai, além da Domingas, a Chucha, prima dela. O avô bem sabe que andamos a fazer o curso de assistentes sociais, ambas; e precisamos de ver obras dessas.

— Cursos e mais cursos; mas o verdadeiro curso é casarem e crearem os seus filhos — resmungou o general, levantando-se.

— Então já nos vamos embora?! — exclamou Francisca Teresa, desconsolada — Olhe, avô, ali vem o José Paulo outra vez para êste «swing»; já estou descançada.

O general, resignado, sentou-se outra vez; e a neta seguiu, risonha, ao ritmo exótico do «swing».

— São os ossos do ofício — murmurou-lhe, dali a momentos, uma senhora que se aproximara e se sentara na cadeira vasia de Francisca Teresa.

— Ah, prima, já estou velho para estas festas; mas a Tété queria vir, a mãe não podia acompanhá-la, os bilhetes estavam aceites...

— Deixe lá, deixe lá, primo, também lhe dá prazer trazer uma rapariga linda como é a sua Tété. Olhe o gôsto com que ela dança!

Na verdade, Francisca Teresa e José Paulo formavam um par encantador de mocidade e alegria. O general abanou a cabeça e respondeu:

— A minha outra neta era assim, tal e qual a Tété! e bem nova a morte a levou... Uma pneumonia traiçoeira, uma janela aberta nas costas decotadas...

— A Tété é sàsinha como um pêro, graças a Deus — tornou a senhora — E olhe que o José Paulo parece apreciá-la bastante. Um bom partido: a carreira acabada, a fortuna que a mãe lhe deixou, e uma jóia de rapaz!

— Jóia, jóia, quem sabe isso, prima? Deve ser um pândego se seguir as pisadas do avô, se bem que eu gosto do pai — acrescentou, sério.

A animação estava no auge! e agora, com a venda de bolos, de rifas, de sortes, parecia que um frémito de loucura passava pelas salas cheias de gente. O grupo das raparigas da Comissão resolvera fazer leilão de todos os bolos, e eram verdadeiros gritos, entremeados de risos alegres, que soavam, ininterruptos.

— Uma brioche grande, quarenta escudos! Quem dá mais?

— Quarenta e dois!

— Cincoenta!

— Pronto!

— Rebuçados d' ovos... clandestinos: um escudo cada um!

— Feitos por mãos de anéis!

O general tapava ostensivamente os ouvidos.

— Estão todos doidos, todos. O que os desculpa é ser para os pobres o lucro, senão...

Francisca Teresa, afogueada, risonha, estafada, sentara-se, agora ao pé do avô.

— Divertiste-te, Tété? — preguntou êle quando o barulho abrandou.

— O mais possível, avôzinho! — respondeu a neta, beijando-o ternamente.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

Querida *Maria de Lourdes Gomes Rosa*

A sua cartinha trouxe-me verdadeira alegria; sabe porquê? Porque vejo que tem a noção justa e clara do que deve ser a verdadeira rapariga portuguesa: simples, alegre, digna, natural. E gostei imenso de saber que tinha apreciado a minha *Maria Rita, solteira*.

Cabe agora a vez de *Maria de Lourdes Roque* ter aqui a sua resposta.

Confesso, Maria de Lourdes, que me deu prazer ver a maneira como *compreendeu* a figura de Maria Rita: rapariga moderna, cheia de alegria, de expontaneidade; mas sabendo manter a *linha* que tôda a rapariga que se preza nunca deve perder.

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
desenhos de GUIDA OTTOLINI

CHÁ DA COSTURA

— A Menina do Dia é a Maria José! — gritou Joana.

— Bastante me custa — murmurou Maria José.

— Foi a sorte, minha rica; toca a começar.

— Queira Deus que se não aborreçam com a minha idéia — comentou Maria José — Porque é afinal uma espécie de leitura, imaginem!

— Não sei o que seja *uma espécie* de leitura, Zé! — comentou Clara, admirada.

— Eu explico — tornou a *menina do dia* — Eu vou ler, de vez em quando, as notas que apontei; mas posso fazer-lhes uma pequena conferência sôbre... *Beethoven!*

— Bravo, Zé! É uma idéia estupenda! — esclamaram muitas.

— Eu tenho um tal *culto* pela figura do grande génio que foi Beethoven, que me lembrei de lhes contar o que sei da sua vida dolorosa, da sua alma santa, do seu talento incomparável...

— Anda, começa — pediu Joana, cosendo activamente.

— Beethoven nasceu em Bonn, a cidade do Reno, em 1770, e era de origem flamenga. Havia na sala modesta da casa dos seus pais o retrato do avô de Antuérpia, músico que o Principe Eleitor mandara vir da Flandres para dirigir a orquestra da côrte de Bonn.

A mãe do genial Ludwig, por quem êle teve sempre, até ao fim da vida dela, uma adoração profunda, era uma pessoa fina e boa, com relativa educação; embora fôsse filha do chefe de cozinha da casa reinante, e portanto, de origem modesta. O pai, músico também, orgulhava-se do talento que o filho já mostrava em pequenino; mas diz-se que o forçava a estudar horas seguidas para o exibir em público, explorando-o em seu próprio proveito.

— Um egoistarrão — comentou Joana.

— Do avô flamengo herdara Beethoven o temperamento apaixonado, fogoso; e também a cabeleira escura indomável onde parecia que nunca penetrara um pente!

— É uma cabeça inconfundível! — observou Clara.

— O primeiro mestre de Beethoven foi o organista da côrte Neefe, que, encantado com o discípulo, lhe ensinou cravo e órgão. Na rica biblioteca do Principe enfronhava-se o rapazinho nos conhecimentos dos clássicos; e com um entusiasmo invulgar estudava as obras de João Sebastião Bach, Händel, e outros.

Mas um desgôsto enorme, profundo, ia ferir, aos desassete anos, o coração de Beethoven: a mãe, tuberculosa, falecia; e ao encargo de olhar pelos irmãos mais novos juntava-se uma grave preocupação... O pai, carácter fraco e espírito mesquinho, entregava-se à bebida, enchendo o pobre Ludwig de vergonha!

— Tinha sido melhor que morresse — disse Rita.

— Pois sim, mas não morreu. E viveu ainda muitos anos em inúmeras bebedeiras — continuou Maria José — O único consolo dessa triste época da sua vida foi para Ludwig a constante e fiel amizade da família *Breuning* que o acompanhou sempre... Para não as massar é que não descrevo o que era o ambiente familiar daquela casa e os serões encantadores em que Ludwig, ao piano, improvisava «retratos musicais» de todos!

— Não é nada massador, tudo isso — disse Joana.

— Pois sim, mas se me alongo nas minúcias nunca mais acabo... — respondeu Maria José, continuando:

— Como a casa dos Breuning era muito freqüentada foi-se espalhando a fama do talento de Beethoven; e começou a falar-se de Ludwig até em Viena, que era, então o maior centro musical do mundo. O grande compositor *Haydn*, já velho, de passagem em Bonn, ficou tão entusiasmado quando ouviu Beethoven, que convenceu o Principe Eleitor a mandá-lo a Viena para ouvir os mestres e aperfeiçoar a sua técnica. A emoção em Bonn, foi grande: partia o seu grande homem! E com as preciosas recomendações da côrte de Bonn e do conde de Waldstein, amigo dos Breuning, abriram-se-lhe em Viena tôdas as portas, todos os palácios, todos os corações!

— Até aqui não acho que êle tivesse, como disseste, uma vida dolorosa! — observou Joana.

— Já lá chegamos, infelizmente. Não exagerei dizendo que até palácios lhe abriram as suas portas; pois o principe Lichnowsky quis que Beethoven se instalasse na sua própria casa, dando aos seus criados a ordem de obedecerem ao toque de campaínha de Beethoven *antes* de qualquer outro! E começou para o grande génio uma vida de trabalho intenso. Haydn dá-lhe lições de composição; e Beethoven teve sempre pelo velho compositor uma gratidão imensa.

A' fama de pianista sobrepõe-se agora a de compositor: o génio revela-se nos Trios, nas Sonatas, na Sinfonia Pastoral, em que o seu amor pela Natureza o inspira! Mas... a grande desgraça da sua vida vai começar: zumbidos horríveis, dôres estranhas, e a surdez, enchem de pavor o pobre Beethoven!

— Que horror, coitado! — murmurou Alice.

— Ainda não sente a resignação para o seu mal... E êle, que tinha uma alma de bondade, revolta-se, a princípio! Escreve cartas dolorosas aos Breuning... Repito, meninas, muitíssimo teria eu que dizer da vida de Beethoven se quisesse alongar-me. Mas é impossível; tenho de resumir. Já a surdez aumentara imenso, quando, em 1801, teve a alegria de conhecer a encantadora *Julieta Guicciardi*: alegre, viva, engraçada, por quem se apaixonou, logo... Tanto a Sonata *Clair de Lune*, impregnada de doce emoção, como a *Appassionata*, cheia de paixão, foram dedicadas a Julieta.

— E ela gostou dêle? Porque não casaram? Conta — disseram muitas, com interêsse.

— Julieta era frívola e *coquette*, sabem vocês? Hoje dir-se-ia que quis animar o «flirt» naquela alma genial. Porque pouco depois de o conhecer casou com um conde de Gallenberg, absolutamente insignificante. A alma de Beethoven estava tão acima da vulgaridade...

Ainda agora falei-lhes da Sinfonia Pastoral, onde se sente profundamente o seu amor pela Natureza; mas não lhes disse esta frase admirável, que vem numa das suas cartas:

«Sinto tão profundamente a presença do Criador que me parece ouvir cada árvore dizer: Santo! Santo! Santo!

— Olhem, ricas, o assunto é elevado demais, e interessante demais, para se resumir numa só das nossas Costuras: se ficasse para a próxima reünião o resto? — propoz Clara.

— Assim, sou duas vezes seguidas a Menina do Dia! — protestou Maria José.

— Deixá-lo: já que encetaste o caminho da Alta Cultura, tens de te aguentar! — exclamou Joana.

— E é bem palpitante a vida de Beethoven! — concluiu Rita.

COM AS FILIADAS

Ivone Correia Perpétua escreve-me uma encantadora carta que veiu direita ao meu coração com a frase seguinte:

«a Maria Rita nunca mais me sairá da alma!» E muito me interessaram as suas considerações sôbre a guerra. Felizmente... estamos já na *Paz!* e como o Optimismo é uma grande fôrça na Vida, eu aconselho, aos novos, sobretudo, que encarem sempre o Futuro com

Optimismo e Alegria:

Maria Paula de Azevedo

N. R. — Continuarei aqui a responder às minhas correspondentes.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

Classificação:
Menção Honrosa

A UMA DE NÓS QUE JA PARTIU

Tinham êsses teus olhos brilho estranho
Que nós acreditávamos ser febre,
E a palidez terrível da doença
Entristecia o o teu rostinho alegre...

E os médicos vieram e disseram
Que estavas muito mal, muito doente;
E tu sorrias, como quem pressente,
Que êsse teu mal era afinal um bem...

O que tu sentias não, não o dizias
Porque eram coisas que o falar não sabe;
Era o teu coração a arder em lavas,

Era um pouco morrer todos os dias...
Anseio de partir que em ti não cabe.
Oh Senhor! eras Tu quem a chamavas!

ERMELINDA DOS SANTOS RIVOTI
Centro n.º 1 — Lisboa

HEROIS DO IMPERIO

P'las ondas buliçosas, uma história
Às estrêlas do céu ouvi contar,
Das lusas naus atravessando o mar,
Levadas pela fé e amor da glória;

Dos antigos Heróis que, conquistando
Um grandioso Império, pelo mundo,
Dominaram a terra e o mar profundo,
Em nenhuma batalha vacilando.

Das mulheres heróicas que ofertaram
A Pátria os filhos seus, os quais lutaram
Em guerra santa, em prol de alto ideal,

A dilatar o reino de Jesus,
Nas terras de além-mar erguendo a Cruz,
Tornando-as para sempre — PORTUGAL!

MARIA ALICE MARQUES
Filiada n.º 42.006 — Centro n.º 27 - Ala 2 - Estremadura

A TOADA DO PINHEIRO

Quando penso num pinheiro alto
Que se balouça em frente, mesmo em frente,
Da velha janela do meu quarto,
E que em noites de vigília e tempestade
Repartido pelos ventos que o sacodem,
Ergue os braços em tom de piedade,
Há coisas, tantas coisas que me acodem!...

E o pinheirito lá está
Tal qual uma sentinela
Em frente à minha janela;
Ora parece dançar,
Ora parece cismar!
E até às vezes eu penso
Que aquêle pinheiro alto
Que eu vejo tôdas as tardes
Da janela do meu quarto
Sofre e chora com o vento,
Tem também um coração;
Pensa e chora com certeza,
Compreende a Natureza
E de harmonia com ela
Canta poemas de dôr

Que em noites de tempestade
Eu oiço à minha janela.

E o sol o acorda de mansinho...
E a aragem o quebra com carinho...

E o mundo inteiro é, afinal,
Como aquêle pinheiro, tão banal,
Que ora parece dançar,
Que ora parece cismar...

E até às vezes eu penso
Se também não serei eu
Como aquêle pinheiro alto
Que a vida compreendeu
E eu vejo tôdas as tardes
Da janela do meu quarto!...

MARIA ESTRELA MONTEIRO
Graduada da M. P. F.